




Capítulo 8

O que é segurança alimentar e como contribuir com ela

Maria Luiza Franceschi Nicodemo
Odo Maria Artur S. P. R. Primavesi
Valéria Sucena Hammes



Você sabe que existe fome no mundo!? Mais de 800 milhões de pessoas estão na miséria, e mais de 1 bilhão sem alimento suficiente para garantir sua saúde e a de sua família. E você também já sabe que uma das causas do desaparecimento de civilizações antigas e de populações inteiras foi a falta de alimentos e de água limpa, por causa da destruição de solos e de florestas no entorno das cidades, os quais garantiam o ciclo longo da água? Você sabe que no Brasil existe o programa Fome Zero?! Para que serve? Por que existe? O que você tem a ver com isso? No seu município existe produção de alimentos? O caminhão da Central de Abastecimento pode parar de vir durante um mês, sem que ninguém passe fome? Sua cidade é sustentável quanto à produção e oferta de alimentos? Existe segurança na oferta de alimentos com qualidade? Cidadão responsável participa das decisões sobre segurança alimentar em sua cidade e município. Não se limita somente a ir ao Procon reclamar.

A Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO) escreve: “existe segurança alimentar quando todas as pessoas, o tempo todo, têm acesso físico e econômico a alimento suficiente, seguro e nutritivo, para uma vida saudável e ativa” (FAO, 2008, p. 3, tradução nossa). Seguro significa sem resíduos de venenos ou de contaminações que possam provocar mal-estar, doença ou morte.

Atualmente, na média, a produção de alimentos no mundo ultrapassa as necessidades da humanidade. Essa produção, contudo, não é homogênea; existem locais onde não se produz o suficiente, e o alimento tem de ser importado

de outras regiões. Como a circulação do alimento produzido no mundo é afetada por vários fatores (transporte, custo do alimento, disputas locais, falta de recursos para comprá-lo ou falta de vontade ou de saúde para produzi-lo, etc.), então, em se tratando de segurança alimentar, talvez seja adequado garantir a produção local.

Antigamente, quando se vivia na área rural, era comum produzir os próprios alimentos e vender o excedente. Os alimentos eram para a família e agregados, só se comprava o sal. Hoje, como a maior parte da população vive nas cidades ou próximo delas, prefere-se comprar os alimentos. Para isso tem de ter dinheiro. E, para ganhar dinheiro, tem de ter alguma atividade. E será que esse alimento comprado, que geralmente vem de longe e nem se conhece o produtor, é produzido com cuidado e com qualidade? Por isso alguns grupos de pessoas procuram sensibilizar os governantes municipais a estimular a produção e comercialização local, para garantir a oferta e a qualidade dos alimentos. Mas muitos não entendem assim. Eles não percebem o risco que correm em não se produzir os alimentos básicos no município.

Assim, se você mora na cidade,

[...] você tem várias alternativas para conseguir o alimento de que necessita. Pode, por exemplo, comprar o alimento produzido localmente, em regiões próximas de você - com isso, você valoriza o trabalho do agricultor, gasta menos energia para trazer o alimento até o seu prato, e ajuda a criar uma rede de segurança ao redor da sua cidade: se alguma coisa atrapalhar o transporte da Central de Abastecimento até sua cidade no interior do estado, não tem problema, você tem gente produzindo alimento aí do lado. (FAO, 2010, p. 62, tradução nossa).

Se você sabe onde seu alimento é produzido, pode até mesmo interferir na maneira como as plantas são cuidadas ou como o gado é criado. Por exemplo, os consumidores podem se associar aos produtores, pedir o que querem - frangos sem antibióticos e verduras sem venenos -, pagando a eles um preço justo.

Outra maneira de conseguir alimentos de melhor qualidade, interferindo na maneira como eles são produzidos, é ficar atento aos selos indicadores de respeito às normas de qualidade, ao ambiente e às pessoas envolvidas na produção daquele alimento. Você pode procurar uma marca de açúcar cujo selo, reconhecido, indique que foi produzido de maneira que respeite os trabalhadores (sem usar tanto veneno,

que provoca doenças e mata, ou sem trabalho escravo) e o ambiente. Também, que houve cuidado com as matas ciliares e a manutenção das áreas de vegetação natural, que são importantes para manter a biodiversidade e garantir os serviços ambientais essenciais à saúde da população e à produção e qualidade dos alimentos.

A propósito, você sabe o que é biodiversidade? Biodiversidade é a variedade de seres vivos. Quer dizer, na biodiversidade, estão incluídas as diferentes plantas, como aroeira, mangueira, jacarandá, roseira, capim-gordura, cipó unha-de-gato; os diferentes animais, como gatos e cachorros, anta, onça, tatu, abelhas, pássaros e formiga saúva; as diferentes bactérias, as que fermentam o leite, as que fixam nitrogênio nas plantas e as que vivem no rúmen dos bois e das cabras. E a biodiversidade compreende também as variações que existem dentro de uma mesma espécie, por exemplo: a goiabeira que dá flores em novembro e a que dá flores em fevereiro; a que tem folhas verdes e flores brancas e a que tem folhas roxas e flores rosadas; a que dá goiaba branca e a que dá vermelha.

Mas, por que a biodiversidade é importante? Porque o ser humano depende dos seres vivos para manter o planeta habitável para ele mesmo! Ele pertence a uma cadeia com grande biodiversidade, ou melhor, a uma teia alimentar, que começa com as plantas. Quanto maior a biodiversidade de plantas e animais, maior a garantia de se ter uma dieta variada e mais saúde. Além disso, a natureza oferece serviços ambientais – como a purificação do ar e da água (ambos muito importantes para nossa nutrição), a formação de solo, a polinização das culturas agrícolas e da vegetação natural, a dispersão das sementes e a ciclagem dos nutrientes, o controle de pragas e parasitas, a estabilização parcial do clima (como da temperatura e da umidade relativa do ar), a produção de alimentos, de combustíveis e de fibras. São os seres vivos existentes na Terra que fazem esses serviços. Eles interagem e juntos são capazes de manter a estrutura básica para a vida. Quando degradamos o ambiente, a capacidade de produzir serviços ambientais fica prejudicada. A água dos rios que passam em áreas sem matas ciliares e de uso de muitos pesticidas, com forte erosão (levando partículas para as águas) e assoreamento, precisa de muitos tratamentos para poder ser utilizada no abaste-

cimento das cidades. Mas, quando a água vem dos rios de áreas protegidas com a vegetação natural, só precisa ser filtrada antes de ser distribuída.

Todos dependem dos serviços ambientais. A produção de alimentos está sujeita aos serviços ambientais. Quando o ambiente no qual produzimos alimentos não está equilibrado, quer dizer, funcionando de acordo com as leis da natureza, precisamos colocar muito dinheiro para imitar o que a natureza faz. Dessa forma, pesticidas químicos substituem o controle natural de plantas invasoras, doenças e insetos; a manipulação genética substitui processos naturais de evolução e seleção de plantas; adubos sintéticos substituem processos de reciclagem de nutrientes; o preparo mecanizado do solo procura substituir a interação entre raízes, organismos vivos e matéria orgânica do solo, na promoção de condições favoráveis para a germinação das sementes. Os custos de utilização desses métodos aumentam muito à medida que a natureza se torna mais degradada, mais fraca, mais morta, sem capacidade para manter a vida, inclusive a humana, como em desertos.

Outra maneira de conseguir os alimentos de que você precisa nas cidades é produzi-los aí mesmo! Sim, você pode produzir alimentos nas cidades, o que chamamos de agricultura urbana. Pode começar com coisas simples, como hortas caseiras, ou mesmo usar espaços nos apartamentos – tem gente plantando tomate-cereja em jardineiras e ervas medicinais e condimentares (salsinha, cebolinha, hortelã, orégano) em vasos na cozinha. Depois organizar nas escolas, com a prefeitura, e plantar árvores frutíferas nos jardins, nas calçadas. Existem muitas ideias boas, muita coisa acontecendo no Brasil e no mundo, para se viver melhor. No Brasil, por exemplo, a articulação das Secretarias Municipais de Assistência Social e de Agricultura de Botucatu, em São Paulo, produziu o Programa de Agricultura Urbana, visando à geração de renda e segurança alimentar. Se você quer saber mais sobre agricultura urbana, consulte os endereços no site¹.

Você, como morador de zona rural, acha que é possível combinar a proteção ambiental com a produção de alimentos, fibras e energia?

De acordo com o documento Programa Fome Zero, a pobreza extrema, que consiste de recursos insuficientes para produzir ou comprar comida, afeta 44 mi-

¹ Disponível em: <<http://www.cityfarmer.org/> e <http://www.agriculturaurbana.org.br/>>

lhões de pessoas no Brasil. Atinge 19% das zonas metropolitanas, 46% dos centros urbanos não metropolitanos e 35% da zona rural. Cerca de 60% do alimento consumido aqui vem da agricultura familiar. No Brasil, como em outros países em desenvolvimento, as principais causas da fome – definida como acesso inadequado ao alimento – são o baixo poder de compra ou o pouco entendimento, ou a falta de saúde, ou a falta de vontade para produzir alimento no lote rural ou urbano. O aumento na produção de alimento da forma convencional – com uso muito grande de adubos e de pesticidas sintéticos, sementes melhoradas, irrigação e mecanização –, fruto da chamada Revolução Verde, não será capaz de aliviar a fome, se não houver redistribuição dos recursos financeiros e da capacidade de compra, como reconhece o Banco Mundial. E, mais do que isso, esses sistemas convencionais, planejados sem respeito às leis da natureza, causam impacto negativo no ambiente, de modo que, para manter a produção, cada vez mais será necessário aumentar os gastos, até a terra cansar ou ficar inutilizada e parar de produzir.

Apesar do grande aumento de produção, esses sistemas trazem degradação ambiental. São associados ao aumento da erosão do solo, à contaminação ambiental, à emissão de gases de efeito estufa, ao aumento da resistência de pragas e à perda da biodiversidade. Queremos mais desse tipo de produção de alimentos? Além dos problemas com a importação de alimentos estragados ou contaminados, até mesmo com radioatividade?

A implantação de sistemas de produção que trabalham de acordo com as leis da natureza, segundo os fundamentos ecológicos e protegendo a biodiversidade, está crescendo. Mas será que esses sistemas são capazes de produzir alimento suficiente para o mundo todo? Estudos recentes indicam que sim. Sistemas de produção agrícola de base ecológica, que incluem práticas como adubos verdes, compostagem, rotação de culturas, cultivo integrado, sistemas agroflorestais, manejo eficiente da água e controle biológico de pragas, estão aptos a produzir alimentos bastantes para as populações humanas atuais, com alguma sobra. Nesse cálculo, não se compararam cultivos convencionais com sistemas integrados e agroflorestais. Nos sistemas agroflorestais, em que espécies herbá-

ceas, arbustivas e arbóreas podem ser combinadas na mesma área, a produção de 1 ha pode corresponder à de 4 ha a 5 ha nos sistemas convencionais, que utilizam monocultivos.

Considerações finais

A produção de alimentos no mundo é suficiente para todos. Então o problema da fome não é simplesmente causado pela necessidade de se produzir mais, às custas do nosso planeta. Também é problema de acesso ou de alimento não produzido perto, ou de o ser humano preferir ficar dependente de tudo e não fazer mais nada. Paga-se! E se não tiver dinheiro? E se não tiver ninguém que faça? E se aquilo que se deseja estiver longe e sem possibilidade de transporte?

Cada um deve conscientizar-se de que os alimentos são produzidos em áreas rurais, urbanas ou periurbanas, e dali vão ser encaminhados para pontos de comercialização. Os alimentos não são feitos nos varejões nem nos supermercados e frigoríficos! Assim, todos podem contribuir para que a produção de alimentos seja eficiente, e, ainda, ajudar a conservar o ambiente, que está sendo degradado em velocidade espantosamente preocupante para a sobrevivência da espécie humana. É possível plantar mais alimentos nas cidades, como na agricultura urbana, começando com as hortas nas escolas e nas fábricas, por exemplo. Deve ser destacado que as periferias das cidades são áreas estratégicas de controle socioambiental, constituídas de um adensamento populacional entremeado por significativas áreas de proteção ambiental e de produção agrícola, seja para abastecimento da localidade, seja para subsistência da família. Nessas regiões periféricas, desenvolvem-se inúmeros projetos socioambientais, nos quais ainda pouco se explora a questão da produção e segurança do alimento, com a produção de hortas, por exemplo. Assim, tornamos também as cidades e seu entorno menos cinzentos. Existem muitas ideias para trazer mais verde para as cidades. Entendeu? Pense, discuta com seus amigos, com seus colegas e sua família. Organize um grupo e procure meios de colocar as ideias em prática!

Organize-se e compre produtos de agricultores que produzem alimentos saudáveis e nutritivos, usando práticas que respeitam o ambiente e as pessoas.

Procure saber onde eles estão, como vendem sua mercadoria; se for necessário, incentive a mudança de hábito de produtores e de consumidores. Produzir alimento respeitando a natureza não custa mais caro. Quando os princípios ecológicos são corretamente aplicados, chega a custar mais barato e resulta em produto de muito melhor qualidade, especialmente nas regiões tropicais. Recomenda-se que, se possível, produtores e consumidores participem de fóruns de discussão, na cidade ou pela internet, que incentivem políticas de crédito promotoras de mudanças na regulamentação de leis para rotular os alimentos. As informações contidas nos rótulos facilitam o rastreamento dos produtos pelos consumidores, oferecendo condições de decisão e de maior influência nas tendências do mercado, o que, por sua vez, se reflete no incentivo à adoção de práticas conservacionistas por parte dos produtores e no consumo responsável por parte de todos os cidadãos.

Referências

- FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **An introduction to the basic concepts of food security**. Rome, IT, 2008. 3 p. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/013/al936e/al936e00.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2011.
- FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **The state of food insecurity in the world: addressing food insecurity in protracted crises**. Rome, IT, 2010. 62 p. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/013/i1683e/i1683e.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2011.

Literatura recomendada

- BAGDLEY, C.; MOGHTADER, J.; QUINTERO, E.; ZAKEM, E.; CHAPPELL, M. J.; AVILÉS-VÁSQUEZ, K.; SAMULON, A.; PERFECTO, I. Organic agriculture and the global food supply. **Renewable Agriculture and Food Systems**, Wallingford, v. 22, n. 2, p. 86-108, 2007.
- FAO. Food and Agriculture Organization of the United Nations. **Brazil – Projeto Fome Zero: report of the joint FAO/IDB/W/Transition team working group**. Brasília, DF, 2002. 19 p. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/005/ac829e/ac829e00.htm>>. Acesso em: 5 jun. 2011.
- PROJETO FOME ZERO. **Report of the joint FAO/IDB/WB/transition team working group**. Brasília, DF, [2002]. Disponível em: <<http://www.fao.org/docrep/005/ac829e/ac829e00.htm>>. Acesso em: 16 nov. 2007.
- ROSSET, P.; COLLINS, J.; LAPPÉ, F. M. **Lessons from the green revolution**. Oakland: Food First-Institute for Food and Development Policy, [2000]. Disponível em: <<http://www.foodfirst.org/mode/230/print>>. Acesso em: 16 nov. 2007.